

REVISÃO LITERATURA

AULA 11

MODERNISMO - SEGUNDA FASE

*"Os camaradas não disseram que havia uma guerra e era necessário trazer fogo e alimento."
(Carlos Drummond de Andrade)*

Recebendo como herança todas as conquistas da geração de 1922, a segunda fase do Modernismo brasileiro se estende de 1930 a 1945.

Período extremamente rico tanto em termos de produção poética quanto de prosa, reflete um conturbado momento histórico: no plano internacional, vive-se a depressão econômica, o avanço do nazifascismo e a II Guerra Mundial; no plano interno, Getúlio Vargas ascende ao poder e se consolida como ditador, no Estado Novo. Assim, a par das pesquisas estéticas, o universo temático se amplia, incorporando preocupações relativas ao destino dos homens e ao "estar-no-mundo".

Em 1945, ano do fim da guerra, das explosões atômicas, da criação da ONU e, no plano nacional, da derrubada de Getúlio Vargas, abre-se um novo período na história literária do Brasil.

Momento histórico

O período que vai de 1930 a 1945 talvez tenha testemunhado as maiores transformações ocorridas neste século. A década de 1930 começa sob o forte impacto da crise iniciada com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, seguida pelo colapso do sistema financeiro internacional: é a Grande Depressão, caracterizada por paralisações de fábricas, rupturas nas relações comerciais, falências bancárias, altíssimo índice de desemprego, fome e miséria generalizadas. Assim, cada país procura solucionar internamente a crise, mediante a intervenção do Estado na organização econômica. Ao mesmo tempo, a depressão leva ao agravamento das questões sociais e ao avanço dos partidos socialistas e comunistas, provocando choques ideológicos, principalmente com as burguesias nacionais, que passam a defender um Estado autoritário, pautado por um nacionalismo conservador, por um militarismo crescente, por uma postura anticomunista e antiparlamentar - ou seja, um Estado fascista. É o que ocorre na Itália de Mussolini, na Alemanha de Hitler, na Espanha de Franco e no Portugal de Salazar.

O desenvolvimento do nazifascismo e de sua vocação expansionista, o crescente militarismo e armamentismo, somados às frustrações geradas pelas derrotas na I Guerra Mundial: este é, em linhas gerais, o quadro que levaria o mundo à II Guerra Mundial (1939-1945) e ao horror atômico de Hiroxima e Nagasáqui (agosto de 1945).

No Brasil, 1930 marca o ponto máximo do processo revolucionário, ou seja, é o fim da República Velha, do domínio das velhas oligarquias ligadas ao café e o início do longo período em que Vargas permaneceu no poder.

A Revolução de 30, que levou Getúlio Vargas a um governo provisório, contava com o apoio da burguesia industrial, dos setores médios e dos tenentes responsáveis pelas revoltas na década de 1920 (exceção feita a Luís Carlos Prestes, que, no exílio, havia optado claramente pelo comunismo). Desenvolve-se, assim, uma política de incentivo à industrialização e à entrada de capital norte-americano, em substituição ao capital inglês.

Uma tentativa contra-revolucionária partiu de São Paulo, em 1932, como resultado da frustração dos paulistas com a Revolução de 30: a oligarquia cafeeira sentia-se prejudicada pela política econômica de Vargas; as classes médias e a burguesia temiam as agitações sociais; e, para coroar o descontentamento, Vargas havia nomeado um interventor pernambucano para São Paulo. A chamada Revolução Constitucionalista explodiu em 9 de julho, mas não logrou êxito. Se Guilherme de Almeida foi o poeta da Revolução paulista, tendo produzido vários textos ufanistas, Oswald de Andrade foi seu romancista crítico, como atesta seu livro Marco zero - a revolução melancólica.

Ainda em 32, a ideologia fascista encontra ressonância no nacionalismo exacerbado do Grupo Verde-Amarelo, liderado por Plínio Salgado, fundador da Ação Integralista Brasileira. Ao mesmo tempo crescem no Brasil as forças de esquerda. Em 1934, elas formam uma frente única: a ANL - Aliança Nacional Libertadora. Tornam-se freqüentes os choques entre a extrema-direita e os membros da ANL, até que o governo federal manda fechá-la, por "atividade subversiva de ordem política e social", em julho de 1935. Entretanto, na clandestinidade, a ANL tenta uma revolução, em novembro desse mesmo ano, "contra o imperialismo e o fascismo" e "por um governo popular nacional revolucionário". Os revoltosos previam uma rebelião militar imediatamente acompanhada por revoltas populares, mas o movimento não foi além de três unidades militares, logo derrotadas; milhares de pessoas foram aprisionadas, e o governo obteve um pretexto para endurecer o regime.

Getúlio Vargas, auxiliado pelos integralistas, inicia sua ditadura em 10 de novembro de 1937. O chamado Estado Novo será um longo período antidemocrático, anticomunista, baseado num nacionalismo conservador e na idolatria de um chefe único: Getúlio Vargas. Essa situação se prolongará até 29 de outubro de 1945, quando, pressionado, Getúlio renuncia.

Diante desses significativos acontecimentos, Carlos Drummond de Andrade publica, em 1945, um poema intitulado "Nosso tempo", que revela o estado de ânimo da parcela mais consciente da sociedade:

"Este é tempo de partido,
tempo de homens partidos.
Em vão percorremos volumes,
viajamos e nos colorimos.

A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.
Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.
As leis não bastam. Os lírios não nascem
da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se
na pedra.
(...)"

Características

A poesia da segunda fase do Modernismo representa um amadurecimento e um aprofundamento das conquistas da geração de 1922: é possível perceber a influência exercida por Mário e Oswald de Andrade sobre os jovens que iniciaram sua produção poética após a realização da Semana. Lembramos, a propósito, que Carlos Drummond de Andrade dedicou seu livro de estréia, *Alguma poesia* (1930), a Mário de Andrade. Murilo Mendes, com seu livro *História do Brasil*, seguiu a trilha aberta por Oswald, repensando nossa história com muito humor e ironia, como ilustra o poema "Festa familiar":

*"Em outubro de 1930
Nós fizemos - que animação!
Um pic-nic com carabinas."*

Formalmente, os novos poetas continuam a pesquisa estética iniciada na década anterior, cultivando o verso livre e a poesia sintética, de que é exemplo o poema "Cota zero", de Drummond:

*"Stop. A vida parou
ou foi o automóvel?"*

Entretanto, é na temática que se percebe uma nova postura artística: passa-se a questionar a realidade com mais vigor e, fato extremamente importante, o artista passa a se questionar como indivíduo e como artista em sua "tentativa de explorar e de interpretar o estar no mundo". O resultado é uma literatura mais construtiva e mais politizada, que não quer e não pode se afastar das profundas transformações ocorridas nesse período; daí também o surgimento de uma corrente mais voltada para o espiritualismo e o intimismo, caso de **Cecília Meireles, de Jorge de Lima, de Vinícius de Moraes e de Murilo Mendes**, em determinada fase.

É um tempo de definições, de compromissos, do aprofundamento das relações entre o "eu" e o mundo, mesmo com a consciência da fragilidade do "eu". Observemos três momentos de Carlos Drummond de Andrade em seu livro *Sentimento do mundo* (o título é significativo), com poesias escritas entre 1935 e 1940:

*"Tenho apenas duas mãos / e o sentimento do mundo"
Mais adiante, em verdadeira profissão de fé, declara:
"Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor.
Nele não cabem nem as minhas dores.
Por isso gosto tanto de me contar.
Por isso me dispo, por isso me grito,
por isso freqüento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias:
preciso de todos."*

Essa consciência de ter "apenas" duas mãos e de o mundo ser tão grande, longe de significar derrotismo, abre como perspectiva única para enfrentar esses tempos difíceis a união, as soluções coletivas:

"O presente é tão grande, não nos afastemos. Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas."

Por: José de Nicola, Esquina da Literatura

POESIA

1- Carlos Drummond de Andrade: "O poeta gauche"

Temas

- o indivíduo: maneira que Drummond via o ser humano. O indivíduo é sempre problemático, meio azarado, inadaptado, gauche.
- A terra natal: Itabira – responsável pela personalidade do poeta (ferrífera): tímido, desconfiado, orgulhoso, difícil.
- A família: não aparece idealizada. A infância é solitária. São poucos os poemas, não tem saudades.
- O amor: sentimento irônico. "Os corpos se entendem, mas a almas não". Amor-amaro, sempre com decepções. Notam-se desencontros.
- A própria poesia: poesias reflexivas sobre o ato da comunicação (metalinguagem – fala da própria poesia)
- A metafísica: profundos questionamentos a respeito da existência da vida humana.
- O tempo: fala das conseqüência da guerra, do medo do povo.
- O cotidiano: temas ligados ao dia-a-dia. Surgem, dos fatos simples, grandes momentos.

Obras: *Alguma Poesia*, *Sentimento do Mundo*, *A rosa do povo*

Outros Poetas – Revista Festa

"A integração da poesia em Cristo"

2- Murilo Mendes: Inicia com poemas religiosos, mas evolui para temas surrealistas, políticos e paródias históricas. Obras: *Tempo e Eternidade*, *O Visionário*, *Poesia-Liberdade*.

3- Jorge de Lima: Escreveu uma obra religiosa em parceria com Murilo Mendes ("Tempo e Eternidade") e apresenta características regionalistas em outros poemas, fruto de sua infância passada nos engenhos do avô. Apesar de seu início ter sido marcado por sonetos neoparnasianos, como em *XIV Alexandrinos* ("O guardador de lampiões"), Jorge de Lima evoluiu no modernismo, chegando a utilizar as novidades do surrealismo.

Obra: Invenção de Orfeu

4- Vinicius de Moraes, "O Poetinha": inicia com poemas religiosos (neo-simbolistas), porém evolui para outros temas como a infância, o amor, o erotismo, os temas sociais e a guerra.

Obra: Antologia Poética.

5- Cecília Meireles: Também iniciou com temas religiosos. Sua poesia apresenta-se ligada às influências simbolistas: musicalidade, palavras vagas, a efemeridade da vida, etc.

Obras: Vaga Música, O Romanceiro da Inconfidência.

PROSA

A prosa regionalista do 2º momento inicia-se em 1926, quando acontece O Congresso Regionalista do Recife.

Essa prosa, também classificada como neo-realista, teve a intenção de denunciar as mazelas que assolavam algumas regiões do Nordeste.

Além da análise social, nota-se um empenho em apresentar as deformações psicológicas das personagens.

Autores

1- José Américo de Almeida: inicia o ciclo regionalista com a obra "A Bagaceira".

2- Rachel de Queiroz: participa com sua obra social "O Quinze", focalizando a seca e suas conseqüências.

3- José Linz do Rego: faz parte do ciclo da cana-de-açúcar e do ciclo do cangaço. com obras que analisam a realidade dos engenhos. Ex.: Fogo Morto.

4- Jorge Amado: inicia com uma literatura engajada, com tendências comunistas. Em seguida, passa a produzir romances novelescos de natureza sensual. Exs: Capitães de Areia e Gabriela: Cravo e Canela.

5- Graciliano Ramos: foi o escritor mais importante desse período. Seu vocabulário é conciso, exato, econômico e objetivo; suas personagens apresentam enorme complexidade psicológica. Exs: "Vidas Secas" "São Bernardo" e "Angústia".

Outros Autores – 2º Momento

1- Érico Veríssimo: Focaliza seus enredos na região gaúcha, relatando as grandes sagas entre famílias tradicionais.

É intimista e psicológico, apresentando preferência pelo realismo fantástico.

Exs: "O Tempo e o Vento" e "A Sonata"

2- Dyonélio Machado: Sua obra mais conhecida é "Os Ratos". Relata uma noite de insônia do funcionário público Naziazeno. É um romance introspectivo, voltado para o universo intimista do personagem.

3- Cyro dos Anjos: Sua obra "O amanuense Belmiro" é um verdadeiro "caderno de educação sentimental".

É metafísico e apresenta imensa preocupação com "caducidade do tempo".

Características como ironia, humor negro e melancolia aproximam-no de Machado de Assis.

TERCEIRO MOMENTO MODERNO - PÓS MODERNISMO (45)

Autores

1- João Cabral de Melo Neto – "O Poeta Engenheiro"

Sua poesia recebe influências de Carlos Drummond de Andrade (anti-lirismo, sobriedade, preocupação social) e de Murilo Mendes (Surrealismo).

Apresenta vocabulário econômico, exato, preciso e cortante (ao gosto de Graciliano Ramos) e seus temas podem aparecer divididos em "duas águas".

Poesia-Construção: Aqui o poeta volta-se para um exercício de reflexão sobre o ato da comunicação.

São poemas metalingüísticos, com acabamento perfeito e temas ligados sempre à própria tessitura poética.

Ex.: "A Educação Pela Pedra"

Poesia-Participação: Estilo engajado, no qual o poeta se mostra comprometido com as questões sociais do Nordeste.

Há uma parte de sua poesia em que o poeta estabelece comparação entre a paisagem de Sevilha (Espanha) e a de Recife.

As rimas toantes também são de influência espanhola.

Ex.: "Morte e Vida Severina"

2- João Guimarães Rosa: "O Sertão é o Mundo"

Ambientando suas histórias no sertão mineiro, Guimarães Rosa apresenta uma literatura de estilo inovador tanto no que se refere à forma (linguagem lírica com neologismos, regionalismos e alguns termos eruditos), quanto no que se refere ao conteúdo ("estórias" encantadas de personagens distantes da civilização).

Seus personagens são valentões, majores, coronéis, belas caboclas, moças e moços apaixonados, capiaus, padres, loucos, crianças, líricas, etc.

Obras:

- Sagarana
- Manuelzão e Miguilim
- Primeiras Estórias
- Grande Sertão: Veredas

3- Clarice Lispector - "Prosa intimista".

A prosa "clariciana" é marcada, principalmente, pelos processos introspectivos pelos quais passam as personagens. Estas são geralmente, pessoas inseridas em um cotidiano comum que, de repente, vêem suas vidas transformadas por algum motivo: simples ou complexo.

A essa transformação dá-se o nome de epifania.

A personagem desencadeia um fluxo de consciência, passa para um monólogo interior (solilóquio [sem nexos]), até atingir uma revelação (epifania).

Há três saídas possíveis: uma nova vida, uma volta ou a morte.

Obras:

- Perto do Coração Selvagem
- A Paixão Segundo G.H.
- Laços de Família
- A Hora da Estrela

PROSA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

1- Dalton Trevisan: Por meio de contos curtos, Dalton Trevisan apresenta o cotidiano que cerca a classe pequeno-burguesa e popular de Curitiba. Para isso escolhe personagens com alguns desequilíbrios psíquicos: frustrações, compulsões sexuais, etc.

Sua linguagem é objetiva, seca, econômica, elíptica e coloquial.

Obra: "O Vampiro de Curitiba"

2- Rubem Fonseca: A maioria de seus contos e romances reflete a longa experiência desse escritor como delegado de polícia do Rio de Janeiro até a década de 80.

Interessa-lhe, sobretudo, a violência urbana com os fatores que a constituem: assaltos, assassinatos, mendicagem, indiferença familiar, estresse, etc.

A linguagem reproduz o universo de cada personagem: bandidos ou empresários psicopatas, mulheres fúteis, bicheiros, policiais corrompidos, etc.

Obra: "Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos"

3- Lygia Fagundes Telles: Seus contos e romances são marcados por histórias bem estruturadas, cenas cotidianas, personagens concretas, imagens extraídas da memória (lembrança de amores, infância, ou amizades) e vocabulário coloquial – poético.

Seus temas abordam os desencontros amorosos, as frustrações pessoais, traições, obsessões, amores impossíveis, etc; sempre com algum fundo humorístico.

Obras:

- "Oito Contos de Amor"
- "Antes do Baile Verde"
- "As Meninas"

4- João Antonio: Retomando o estilo contistas urbanos, esse escritor analisa os segmentos marginalizados da sociedade paulistana: meninos de rua, malandros, otários, bicheiros, etc.

POESIA CONCRETA

A partir de 1956, surgiu um grupo de poetas com uma nova proposta literária: "a poesia concreta".

Décio Pignatari, Augusto de Campos e Haroldo de Campos apresentaram um "plano-piloto" dessa nova poesia na Revista Noigrandes (1) e, resumidamente, consistia em:

- 1- Abandono do verso como unidade formal do poema;
- 2- Livre aproveitamento do espaço da página, com intenção de fazer uma reprodução orgânica da idéia poética;
- 3- Valorização do conteúdo crítico; da contra propaganda;
- 4- Exploração verbi-voco-visual do poema: "a poesia é música (melopéia), é imagem (fenopéia) e é pensamento (logopéia).

ANTOLOGIA POÉTICA

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.
As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.
O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus,
pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.
O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do -bigode,
Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.
Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.
Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

A rosa de Hiroxima

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

O elefantinho

Onde vais, elefantinho
Correndo pelo caminho
Assim tão desconsolado?
Andas perdido, bichinho
Espetaste o pé no espinho
Que sentes, pobre coitado?
— Estou com um medo danado
Encontrei um passarinho!

Soneto da separação

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Essa negra fulô

Ora, se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no bangüê dum meu avô
uma negra bonitinha,
chamada negra Fulô.
Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!
Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
— Vai forrar a minha cama
pentear os meus cabelos,
vem ajudar a tirar
a minha roupa, Fulô!
Essa negra Fulô!
Essa negrinha Fulô!
ficou logo pra mucama
pra vigiar a Sinhá,
pra engomar pro Sinhô!
Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!
Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
vem me ajudar, ó Fulô,
vem abanar o meu corpo
que eu estou suada, Fulô!
vem coçar minha coceira,
vem me catar cafuné,

vem balançar minha rede,
 vem me contar uma história,
 que eu estou com sono, Fulô!
 Essa negra Fulô!
 "Era um dia uma princesa
 que vivia num castelo
 que possuía um vestido
 com os peixinhos do mar.
 Entrou na perna dum pato
 saiu na perna dum pinto
 o Rei-Sinhô me mandou
 que vos contasse mais cinco".
 Essa negra Fulô!
 Essa negra Fulô!
 Ó Fulô! Ó Fulô!
 Vai botar para dormir
 esses meninos, Fulô!
 "minha mãe me penteou
 minha madrastra me enterrou
 pelos figos da figueira
 que o Sabiá beliscou".
 Essa negra Fulô!
 Essa negra Fulô!
 Ó Fulô! Ó Fulô!
 (Era a fala da Sinhá
 Chamando a negra Fulô!)
 Cadê meu frasco de cheiro
 Que teu Sinhô me mandou?
 — Ah! Foi você que roubou!
 Ah! Foi você que roubou!
 Essa negra Fulô!
 Essa negra Fulô!
 O Sinhô foi ver a negra
 levar couro do feitor.
 A negra tirou a roupa,
 O Sinhô disse: Fulô!
 (A vista se escureceu
 que nem a negra Fulô).
 Essa negra Fulô!
 Essa negra Fulô!
 Ó Fulô! Ó Fulô!
 Cadê meu lenço de rendas,
 Cadê meu cinto, meu broche,
 Cadê o meu terço de ouro
 que teu Sinhô me mandou?
 Ah! foi você que roubou!
 Ah! foi você que roubou!
 Essa negra Fulô!
 Essa negra Fulô!
 O Sinhô foi açoitar
 sozinho a negra Fulô.
 A negra tirou a saia
 e tirou o cabeção,
 de dentro dêle pulou
 nuinha a negra Fulô.
 Essa negra Fulô!
 Essa negra Fulô!
 Ó Fulô! Ó Fulô!
 Cadê, cadê teu Sinhô
 que Nosso Senhor me mandou?
 Ah! Foi você que roubou,
 foi você, negra fulô?
 Essa negra Fulô!

Canção do exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia
 onde cantam gaturamos de Veneza.
 Os poetas da minha terra
 são pretos que vivem em torres de
 ametista,
 os sargentos do exército são monistas,
 cubistas,
 os filósofos são polacos vendendo a
 prestações.
 A gente não pode dormir
 com os oradores e os pernilongos.
 Os sururus em família têm por testemunha
 a Gioconda.
 Eu morro sufocado
 em terra estrangeira.
 Nossas flores são mais bonitas
 nossas frutas mais gostosas
 mas custam cem mil réis a dúzia.
 Ai quem me dera chupar uma carambola
 de verdade
 e ouvir um sabiá com certidão de idade!
 Pré-história

Pré--História

Mamãe vestida de rendas
 Tocava piano no caos.
 Uma noite abriu as asas
 Cansada de tanto som,
 Equilibrou-se no azul,
 De tonta não mais olhou
 Para mim, para ninguém!
 Cai no álbum de retratos.

Um galo sozinho não tece uma manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:
 ele precisará sempre de outros galos.
 De um que apanhe esse grito que ele
 e o lance a outro; de um outro galo
 que apanhe o grito de um galo antes
 e o lance a outro; e de outros galos
 que com muitos outros galos se cruzem
 os fios de sol de seus gritos de galo,
 para que a manhã, desde uma teia tênue,
 se vá tecendo, entre todos os galos.
 E se encorpando em tela, entre todos,
 se erguendo tenda, onde entrem todos,
 se entretendendo para todos, no toldo
 (a manhã) que plana livre de armação.
 A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
 que, tecido, se eleva por si: luz balão.

VELOCIDADE

vvvvvvvv
 vvvvvvvve
 vvvvvvvel
 vvvvvvelo
 vvvvveloc
 vvvveloci
 vvvelocid
 vvvelocida
 vvelocidad
 velocidade